

## A Essência da Mediocridade

Lucas Maia \*

Este artigo é uma análise do livro de José Ingenieros, publicado pela primeira vez em 1913, intitulado *O Homem Mediocre*. Após demonstrar as conclusões às quais ele chegou, apresentamos nossa perspectiva e crítica ao texto. Ingenieros conseguiu com sua pesquisa demonstrar aquilo que estou aqui a chamar de essência da mediocridade. Contudo, as conclusões que daí ele deriva, bem como os pressupostos dos quais ele parte são equivocados. Assim, este texto consiste em demonstrar a contribuição do livro, mas, principalmente, os limites de sua análise.

Em 1913, José Ingenieros, pensador argentino, publica um livro com título no mínimo provocador: *O Homem Mediocre* (INGENIEROS, 1958). Quem é este homem medíocre? Melhor, o que é a mediocridade? Trata-se de obra interessante em vários aspectos, contudo, como terei oportunidade de demonstrar, a abordagem de Ingenieros é por demais limitada, embora os momentos de verdade presentes em seu texto são deveras bem desagradáveis para o homem medíocre, pois revela aquilo que ele gostaria que estivesse escondido, inclusive de si mesmo.

Seu ponto de partida é uma classificação reducionista. O ser humano é dividido, naturalmente, geneticamente em três grupos: “homens superiores”, “homens inferiores” e entre um e outro extremo, flutua a grande maioria, os “homens medíocres”. Desta divisão natural, da qual não se escapa, pois já se nasce nesta ou naquela categoria, a educação e o trabalho, ou seja, a sociedade “(...) completa sua obra” (INGENIEROS, 1958, p. 181) de formação do ser humano. O que a sociedade pode fazer é melhorar sua condição de inferior, medíocre ou superior, mas nunca mudar de uma para outra categoria, pois a sociedade não cria os caracteres com os quais já se nasce.

Com base nesta premissa, totalmente equivocada, é que Ingenieros realiza seu escrutínio sobre a mediocridade. Apesar de ser um ponto de partida errado, as descobertas que ele realiza a respeito do homem medíocre são importantes. Define a mediocridade da seguinte maneira:

---

\* Professor do Instituto Federal de Goiás - IFG. Militante autogestionário. Doutor em Geografia. Pós-doutor em Sociologia. Autor dos livros *Comunismo de Conselhos e Autogestão Social* (Rizoma Editorial, 2018); *As Classes Sociais em O Capital* (Edições Redelp, 2020); *Nem Partidos nem Sindicatos: a Reemergência das Lutas Autônomas no Brasil* (Edições Redelp, 2016) entre outros. E-mail: maiaslucas@gmail.com

Considerada individualmente, a mediocridade poderia definir-se como uma ausência de características pessoais que permitam distinguir o indivíduo em sua sociedade. Esta oferece a todos um idêntico fardo de rotinas, preconceitos e domesticidades; basta reunir cem homens, para que eles coincidam no impessoal: “reuni mil gênios em um Concílio, e tereis a alma de um medíocre”. *Estas palavras denunciam o que, em cada homem, não pertence a ele mesmo, e que, quando a soma sobe a muitos, se revela pelo baixo nível das opiniões coletivas* (INGENIEROS, 1958, p. 50).

Obviamente que não existe nenhum ser humano sem personalidade, no sentido psicológico e psicanalítico do termo. Há aqui certa imprecisão. Contudo, o que ele está a discutir com esta ideia de “ausência de personalidade” é aquilo que cada homem (medíocre) reproduz da sociedade, integrando-se nela, sendo parte de sua rotina, de sua repetição, de seus preconceitos. Estes homens rotineiros, acomodaticios, domesticados, medíocres: a “sociedade quer e pensa por eles” (INGENIEROS, 1985, p. 51).

Ingenieros (1958, p. 168) propõe uma metáfora bastante didática para se compreender isto. O Gênio, o que há de melhor nos “homens superiores”, seria uma espécie de cristal, que uma vez precipitado, sua dureza, suas arestas não são passíveis de acomodação. O cristal, com suas pontas, seu brilho mantém-se firme. Assim são os homens superiores, que em caso de um clima favorável, convertem-se em núcleos em torno dos quais pode-se se direcionar energias sociais para a mudança (e melhora do mundo). Pelo contrário, os homens medíocres são como a argila. Não tem forma própria. Amoldam-se a qualquer recipiente, são maleáveis ao ponto de não terem forma própria. Ser medíocre, é ser acomodaticio, afeito a todo tipo de domesticação. Não brilha como o cristal, é opaco, maleável. É moldado pelo meio, sem condições e vontade de contribuir para moldar de outra maneira o mundo que o formatou.

Uma outra oposição metafórica proposta por Ingenieros ajuda a compreender sua concepção. Opõe *Homens e Sombras*. O homem medíocre é, na apreciação de Ingenieros, nada mais do que sombra. Não tem luz própria, iniciativa, firmeza no pensamento, nos valores e na ação. Constitui-se em mero refratários das baixezas, dos preconceitos, rotinas que caracterizam a mediocridade. Diferentemente do Gênio, do Santo, do homem superior, que tal como o cristal, brilha e não se acomoda, o homem medíocre é como a argila, que a todas as rotinas se adéqua:

*Sua vida é uma perpétua cumplicidade com a vida alheia. São hostes mercenárias ao primeiro homem firme que saiba colocá-las sob seu jugo. Atravessam o mundo cuidando da sua sombra, ignorando a sua personalidade. Nunca chegam a se*

individualizar; ignoram o prazer de exclaimar “eu sou”, em face dos demais. Não existem sozinhos. Sua amorfa estrutura os obriga a se apagarem numa raça, num povo, num partido, numa seita, num bando: sempre a fingir que são outros. *Escoram todas as rotinas e preconceitos consolidados através de séculos. Medram assim, Seguem o caminho que menores resistências oferece, nadam a favor de toda corrente, e variam com ela; no seu rodas águas abaixo não há mérito: é simples incapacidade de nadar águas acima. Crescem porque sabem adaptar-se à hipocrisia social, como as lombrigas às entranhas* (INGENIEROS, 1958, p. 166).

Sei que há certa dureza nesta afirmação. Contudo, sou obrigado, neste particular, a concordar com estas palavras. Há certa incapacidade no homem medíocre em criar, em ser ele mesmo, ou pelo menos, em lutar para ser ele mesmo. Por isto, torna-se esta sombra, esta argila. Ou seja, não tem brilho e se amolda a qualquer ambiente, por mais mesquinho e ignóbil que possa ser. Teremos a oportunidade ainda de demonstrar onde Ingenieros é falho em seu pensamento. Por hora, basta frisar que aqui, ainda que parcialmente, ele está correto.

Ingenieros faz a distinção entre crença e convicção. Crença é inerente a todo ser humano. É um juízo que ainda necessita de ampliação, aprofundamento para sua confirmação ou não. Este juízo inicial é parte da constituição do que é todo ser humano. A crença está na base do pensamento, da ação, da criação: “são os móveis de toda a atividade humana” (INGENIEROS, 1958, p. 170). Todo ser humano é cérebro e coração (razão e crença). “Para afirmar ou negar, é preciso crer. Ser alguém é crer intensamente: pensar é crer; amar é crer; odiar é crer; lutar é crer; viver é crer (INGENIEROS, 1958, p. 170).

Contudo, as crenças, se não forem complementadas pela observação, estudo, meditação e compreensão não chegam jamais ao *status* de convicção. Metaforicamente, Ingenieros compara as crenças ao prego, que entra na madeira a partir de um só golpe. Contudo, com um arranco, pode ser retirado. Pelo contrário, a convicção assemelha-se mais ao parafuso, que entra lentamente na madeira, exigindo mais esforço. Contudo, sua retirada é bem mais trabalhosa e exige mais engenho e mais esforço.

Como se vê:

As crenças dos *Homens* são profundas, radicadas em vasto saber; serve de leme seguro para seguir por uma rota que ele conhece e que não oculta aos outros; quando muda de rumo, é porque suas crenças se transformam por uma nova experiência e ao calor das mais profundas meditações. As crenças da *Sombra* são sulcos arados na água; qualquer aragem os desvia; sua opinião é inconstante como uma bandeirola, e suas mudanças obedecem a solicitações grosseiras de conveniências imediatas (INGENIEROS, 1958, p. 172).

Três fatores concorrem para a formação da personalidade: a) “hereditariedade psicológica”<sup>1</sup>; b) “imitação social”; c) “variação individual”. Da conjugação destes três elementos deriva a formação do que já aludimos antes: o homem inferior; o homem medíocre; o homem superior. O homem inferior é aquele inadaptável, com graves problemas para conseguir se integrar na sociedade: o louco, o criminoso etc. O homem superior é aquele dotado de personalidade, dignidade, criatividade. Enquanto o homem inferior é tributário direto da “alma da espécie”, o homem medíocre da “alma da sociedade”, o homem superior transcende a ambas e consegue impor-se acima delas. Sua marca é sua individualidade. “É percussor de novas formas de perfeição”, são aqueles que, ao se sobrepor sobre as rotinas e preconceitos tradicionais conseguem ser inspiradores de mudanças na sociedade.

Agora, o que nos diz Ingenieros sobre o homem medíocre merece uma citação mais detalhada. Vejamos como é definido o homem medíocre<sup>2</sup>:

O homem medíocre é uma sombra projetada pela sociedade; é, por essência, imitativo, e está perfeitamente adaptado para viver em rebanho, refletindo rotinas, preconceitos e dogmatismos reconhecidamente úteis para a domesticidade. Assim como o inferior herda a “alma da espécie”, o medíocre adquire a “alma da sociedade”. Seu característico é imitar a todos quantos o rodeiam: pensar com a cabeça alheia e ser incapaz de formar ideias próprias (INGENIEROS, 1958, p. 64).

O homem medíocre é certamente um avanço em relação ao homem inferior. É, contudo, muitos passos atrás em relação ao homem superior. Aqui já se denunciam mais alguns problemas no pensamento de Ingenieros, pois reduz os seres humanos a estas três classificações arbitrárias, atribui causas genéticas às diferenciações que se desenvolvem no processo de socialização do indivíduo, além de conceber o desenvolvimento da humanidade dentro de uma perspectiva evolucionista, do menos, para o mais perfeito. Explícito aqui o sentido de progresso humano (uma marcha para o cada vez melhor). O que a experiência concreta parece não atestar, vide, por exemplo, que após 1913 (ano de publicação do livro), o mundo passou pelas duas guerras mais bárbaras que a humanidade já travou, pelas

---

<sup>1</sup> Esta é uma expressão utilizada por Ingenieros. Certamente, no que nos concerne, não existe nenhuma hereditariedade psicológica, ficando a conformação da mente muito além do que pode ser herdado. Aqui há um reducionismo muito grande na formulação de Ingenieros.

<sup>2</sup> Ingenieros lista as seguintes características intelectuais do homem medíocre: a) broncos; b) ignorantes; c) sem bom gosto; d) sem cultura/não estudam ou estudam mal; e) fanáticos; f) prosaicos; g) intolerantes; h) desconfiam de sua imaginação; i) carecem de opinião sobre fatos controversos; j) são ecléticos; k) são incapazes de autocrítica; l) não conseguem pensar por si mesmos etc. (INGENIEROS, 1958, p. 84/92). Certamente tais adjetivos são ainda parciais, há outros qualificativos pelos quais o autor descreve as características intelectuais do homem rotineiro. Estas, contudo, já nos bastam para compreender a apreciação de Ingenieros a este respeito.

experiências nazifascistas, inúmeras ditaduras, morticínios e guerras locais as mais bestiais etc. Ou seja, o desenvolvimento humano não é uma marcha em direção ao progresso, como parece se depreender do texto de Ingenieros, mas é contingente, no caso das sociedades de classes, da própria dinâmica da luta de classes, e não uma marcha para uma suposta melhora do mundo.

Voltando ao fio de nossa argumentação, Ingenieros aponta que os medíocres são indispensáveis, apesar e justamente por serem medíocres, ou seja, rotineiros, acomodaticios, imitativos. Enquanto os inferiores são incapazes de criar e de socializar de modo adequado, sendo mais elementos de instabilização e os superiores são imaginativos e criativos, sendo avessos à rotina, os medíocres são necessariamente reprodutivos. Garantem a ordem e a reprodução da sociedade no cotidiano, no dia-a-dia. Seu caráter conservador, naturalmente, ou seja, geneticamente conservador, sem imaginação, sua incapacidade de inventar, de criar, sua maleabilidade para se adequar à sociedade que o gerou são indispensáveis à própria sociedade. Ou seja, os inferiores não criam, os superiores são alérgicos à rotina, à reprodução, os medíocres, por serem incapazes de inovação, são excelentes rotineiros, reprodutivos, imitativos. O que numa geração é rebeldia e criação realizada pelos superiores, é na seguinte mera imitação e rotina levada a cabo pelos medíocres. Em uma palavra, os medíocres são indispensáveis, embora sejam também perigosos.

O homem medíocre é também perigoso, pois é a argamassa de toda injustiça, é o sustentáculo para a tirania. Exatamente as mesmas características que o tornam indispensáveis à sociedade, tornam-nos também perigosos. Em momentos nos quais o “clima social” torna-se preponderantemente medíocre, constituindo o que Ingenieros chama de “mediocracia”, desenvolvem-se as condições para barbaridades também, pois:

*A tirania do clima é absoluta: nivela-se ou sucumbe-se. A regra conhece poucas exceções na História. As mediocracias negaram sempre as virtudes, as belezas, as grandezas; deram o veneno a Sócrates, o madeiro a Cristo, o punhal a César, o desterro a Dante, o cárcere a Galileu, o fogo a Bruno; e, enquanto escarneciam desses homens exemplares, esmagando-os com a sua sanha, ou armando contra eles algum braço enlouquecido, ofereciam o seu servilismo a governantes imbecis, ou davam o seu ombro para sustentar as mais torpes tiranias. A um preço: que estas garantissem, às classes fartas, a tranquilidade necessária para usufruir seus privilégios (INGENIEROS, 1958, p. 251) (grifos meus).*

Eis então um dos maiores perigos da mediocridade. Conceder poder aos homens medíocres (mas medíocres mais decididos ao ponto de subjugarem todo o resto). Medíocres

que elegem médiocres. Médiocres eleitos e com poder são a locomotiva da injustiça, do barbarismo, da vulgaridade, da falta de decência, do baixo nível intelectual, da negação da razão e do saber. Isto culmina em violência e perseguição, geralmente aos homens superiores, que são castrados em tal “clima social”. A mediocracia é o reino da mediocridade, no qual os médiocres governam outros médiocres.

A apreciação de Ingenieros sobre o homem medíocre é por demais grave. Deve-se, no mínimo, ouvi-lo com atenção, para ver até que ponto ele acerta em quantos outros ele erra. Para o homem medíocre, ler e meditar sobre o texto de Ingenieros é olhar-se um pouco no espelho. Não se deve, contudo, acreditar nele quando afirma que já se nasce medíocre. Não se deve acreditar nesta classificação que ele impõe ao ser humano: inferior, medíocre, superior. Isto não é uma análise da natureza do homem, é meramente uma classificação arbitrária fundada nos pressupostos ideológicos de Ingenieros, que tem raízes no darwinismo social, em Lombroso, Nietzsche e outras ideologias que caracterizam a episteme burguesa<sup>3</sup>.

Como dissemos, ele erra no pressuposto, erra na biologização dos caracteres humanos, erra no fatalismo que determina o ser do homem em seu nascimento (hereditariedade), erra no evolucionismo que funda sua concepção de desenvolvimento humano etc. Contudo, Ingenieros acerta muito e no alvo quando descreve o que estou aqui a chamar de essência da mediocridade. Assim, apesar de todos os erros de Ingenieros, não podemos deixar de registrar este aspecto. Neste particular, ele tem razão. A descrição que ele faz da mediocridade é bem pertinente.

Em que pese seus acertos, pode-se ainda listar como equívocos de sua parte: a) concepção evolucionista do desenvolvimento histórico; b) governo dos homens sábios (gênios, santos, heróis). Como já disse, Ingenieros acerta na descrição e caracterização do homem medíocre. Diferentemente de Ingenieros, que considera que o medíocre já nasce assim, defendemos que a mediocridade não só é dispensável, como tem que ser dispensada, melhor, superada.

Ingenieros, apesar de seus pressupostos totalmente equivocados, apresenta ainda uma certa fé, crença ou como ele denomina, um “idealismo experimental” na melhora do mundo, ou seja, do ser humano. Enquanto os médiocres são incapazes de formular ideais, posto que rotineiros, os homens superiores são os formuladores de ideais (intelectuais,

---

<sup>3</sup> Para uma discussão sobre o conceito de episteme, cf. (VIANA, 2018).

morais/éticos, estéticos), que podem, a depender do “clima social” se constituírem em ação levando à mudança das condições sociais.

Os homens superiores, devido a serem como cristais, ou seja, de não se amoldarem aos preconceitos sociais e tradições já constituídas, são capazes de formular ideais na ciência, filosofia, arte, moral etc. Estes ideais, que só podem ser formulados por estes homens especiais (os gênios, santos e heróis), se o clima social assim o permitir, podem levar a mudanças nas instituições, no saber, nos valores etc. de uma dada sociedade. Assim, esses ideais formulados por tais homens superiores entram na prática da vida social, reproduzida pelos homens acomodaticios, ou seja, os rotineiros, os medíocres, os imitativos, convertendo-se assim em uma melhora do mundo. Este movimento leva há um progresso da humanidade, que, a cada geração, inspirando-se nestes ensinamentos destes grandes homens, tendem a caminhar para uma perfeição sempre maior, mas nunca totalmente alcançável.

*Sem idealistas, seria inconcebível o progresso. O culto do “homem prático”, limitado às contingências do presente, importa numa renúncia a toda perfeição. O hábito organiza a rotina, e nada cria no sentido do porvir; só dos imaginativos é que a ciência espera as suas hipóteses, a arte o seu voo, a moral seus exemplos, a História suas páginas luminosas (INGENIEROS, 1958, p. 24/25) (grifos meus).*

A ingenuidade desta concepção acerca do desenvolvimento histórico é retumbante, pois fundada num pressuposto equivocado. O desenvolvimento histórico não se dá mediante a proposição de homens superiores criando os ideais para mudar a história. Isto nos concerne a cada um de nós. A mudança histórica não é coisa dos grandes homens, mas dos homens comuns. Não, certamente, o homem comum mergulhado na mediocridade, mas o homem comum que luta e aspira a tomar sua vida em suas próprias mãos, não o homem comum passivo, mas ativo, não o homem determinado pelas circunstâncias e apático diante delas, mas ativo e atuante.

O desenvolvimento histórico não marcha em direção ao progresso, nem muito menos é resultado de se seguir o exemplo dos sábios (na ciência, arte, filosofia...), santos (na moral/ética) e heróis (na ação). Qual a contribuição de Zenão (mestre do estoicismo) na constituição do feudalismo? O feudalismo é a negação do estoicismo. Qual a contribuição de Santo Tomaz de Aquino na constituição do capitalismo? Além disto, seria no mínimo risível considerar que estas mudanças tão radicais no modo de se organizar a sociedade, ou seja, passagem do modo de produção escravista para o feudalismo e do feudalismo para o

capitalismo na Europa como a resultante do ensinamento de alguns sábios, santos e heróis. O processo é bem mais amplo, complexo, envolvendo lutas, disputas, avanços, recuos, progressos, regressos etc. Realmente, este modelo evolucionista para o estudo do desenvolvimento histórico da humanidade é uma grande abstração, uma concepção metafísica da história, longe, muito longe do desenvolvimento histórico concreto. Assim, a divisão arbitrária do ser humano em três categorias não se sustenta e muito menos ainda se sustenta a concepção de desenvolvimento histórico dela derivada.

A segunda crítica de fundo que apresento a Ingenieros é sua defesa da necessidade de um governo de sábios, santos e heróis, ou seja, dos homens superiores. Aqui sua concepção fica ainda mais problemática e conservadora. O subtítulo de seu livro é:

Ensaio moral sobre a mediocridade humana, como causa de rotina, hipocrisia e domesticidade nas sociedades contemporâneas, com reflexões úteis de idealismo experimental, para que os jovens procurem evitá-la educando livremente sua inteligência, sua virtude e sua dignidade”.

Este subtítulo revela um dos vários paradoxos presentes em *O Homem Mediocre*, tal demonstrado no estudo de Mailhe (2013). O principal paradoxo é: nasce-se inferior, medíocre ou superior<sup>4</sup>. Contudo, o livro, ao revelar o significado da mediocridade, quer ensinar, sobretudo aos jovens, a forma de evitá-la, “educando sua inteligência, sua virtude e sua dignidade”. Também, como revela Mailhe (2013), o livro tem como foco a crítica à mediocridade e aos medíocres. Contudo, seu estilo e sua ampla divulgação quando foi publicado (impressão de milhares de cópias, publicação de capítulos em jornais e revistas de ampla circulação etc.) demonstra o claro interesse em destinar o livro exatamente aos medíocres, a quem tanto crítica.

Toda esta discussão metafísica de Ingenieros, articulando moral, ciência positivista e filosofia num todo articulado tem intenção política, que apresenta sem rodeios ao final do livro. A esta desigualdade natural entre os seres humanos, há que se complementar uma forma de governo das pessoas que se ajuste a isto. As formas que até então se apresentaram são demasiado limitadas e, via de regra, impedem o desenvolvimento das aptidões

---

<sup>4</sup> Veja-se o que nos diz Ingenieros: “Nascemos diferentes; há uma escala variadíssima, desde o idiota até o gênio. Nasce-se em uma determinada zona deste espectro com atitudes subordinadas à estrutura e à coordenação das células que intervêm na elaboração do pensamento; a hereditariedade concorre para dar um sistema nervoso, agudo ou obtuso, conforme os casos. A educação pode aperfeiçoar essas capacidades e aptidões, quando existem; não pode cria-las quando faltam (...)” (INGENIEROS, 1958, p. 324).

individuais e, portanto, o desenvolvimento do verdadeiro gênio, amesquinha o santo, inibe o herói. É necessário, pois, uma forma de governo que alie a desigualdade natural promovendo também uma forma natural de organizar as coisas. Veja com que termos ele defende isto:

O privilégio tradicional do sangue irrita os democráticos, e o privilégio numérico repugna aos aristocratas. O berço dourado não dá aptidões; mas também não as dá a urna eleitoral. A pior maneira de combater a mentira democrática seria aceitar a mentira aristocrática; aos dois casos trata-se de idêntica inaptidão, com diferentes rótulos. As massas inferiores – que poderiam ser o “povo” – e os homens excelentes de cada sociedade – que são a “aristocracia natural” – costumam permanecer alheios à sua estratégia (INGENIEROS, 1958, p. 290/291).

Assim, para evitar os privilégios do sangue e do nascimento, bem como a igualdade da democracia (que Ingenieros acredita ser falsa, pois sempre manteve o “povo” e os homens superiores de fora), é necessário não a luta pela igualdade, que é, segundo ele, antinatural, mas sim o reconhecimento da “aristocracia natural”, que é dada pela natureza e pode ser aperfeiçoada pela educação e pelo trabalho. Não se trata, pois, de reivindicar nenhum “direito divino”, nem “direitos do homem”, nem muito menos de privilégios aristocráticos derivados do nascimento, nem muito menos os privilégios derivados das urnas eleitorais. Todos são antinaturais e impedem o desenvolvimento do gênio, dos santos e dos heróis.

O homem de gênio é o formulador, a personificação de ideais. Deste modo, “ensinando admirar o gênio, a santidade e o heroísmo, preparam-se climas propícios ao seu advento” (INGENIEROS, 1958, p. 334). Ou seja, nada de relações sociais concretas, indivíduos concretos, classes sociais, conflitos, interesses, lutas de classes na possibilidade de constituição de novas relações sociais, logo, de um novo tipo de sociedade, ou seja, de ser humano. Basta ensinar a “admirar o gênio” para criar o “clima social” que tornará propícia a realização da “verdade” (ciências), das virtudes (moral), das belezas (artes), que levarão ao progresso da humanidade. Quanta tolice.

Tudo isto é equívoco. Trata-se somente de mais uma ideologia para convencer as classes inferiores (os termos classes sociais, luta de classes etc. não pertencem à lavra de Ingenieros) de que são incapazes de que, por suas próprias mãos, por suas próprias lutas possam construir algo novo. Ingenieros retrocede aqui à tentativa já aludida por Platão na antiguidade grega de que a melhor forma de governo seria a de um “governo de sábios”.

Deixemos todas estas palavras vazias de lado. Fiquemos com o “núcleo racional”<sup>5</sup> de seu pensamento: a descrição e crítica da mediocridade. Todo o resto é barafunda, meias verdades ou mentiras descaradas.

O livro de Ingenieros, portanto, é recheado de problemas interpretativos, acabando por se constituir em mais uma ideologia que visar justificar, naturalizar as relações de classes existentes. Estes equívocos, melhor, estes postulados falsos e conservadores foram aqui apresentados. Contudo, algo de verdadeiro está presente em sua obra, o que chamamos aqui de “núcleo racional”. Este núcleo racional, ou seja, a essência da mediocridade, é a grande contribuição de seu texto. Acreditamos ter expressado isto tão claro quanto possível. Assim, guardadas as ressalvas postas, esta é uma obra que ajuda a compreender o reino da mediocridade em que a sociedade contemporânea está atolada.

### Referências

- INGENIEROS, José. *O homem mediocre*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.
- MAILHE, Alejandra. “El labirinto de la soledad” del genio ou las paradojas del *El Hombre Mediocre*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 29, nº 49, p.197-216, jan/abr 2013.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. V. 1. T. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.
- VIANA, Nildo. *O modo de pensar burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018.

Texto aprovado para publicação em 03 de abril de 2021.

---

<sup>5</sup> Esta expressão é de Marx (1983), ao referir-se ao que havia de verdadeiro no pensamento de Hegel. O que Marx fez foi retirar todo o “invólucro místico” que envolvia o “núcleo racional” do pensamento de Hegel. Aqui, fizemos o mesmo procedimento. Encontramos o núcleo racional, verdadeiro do pensamento de Ingenieros, retirando todo o invólucro místico e falso que o envolvia.